

Exu e a História do Tempo Presente:

uma encruzilhada possível?

Vinícius José Mira⁹

Resumo:

Esse texto tem como objetivo estabelecer um diálogo entre Exu, orixá mensageiro das religiões afro-brasileiras, e a História do Tempo Presente, uma nova atitude metodológica no fazer historiográfico datada de meados da segunda metade do século XX, oriunda da França. Para tal, é feito uso de bibliografia atinente produzida por intelectuais de terreiro, tais como Luiz Rufino, Pai Rodnei de Oxóssi, Muniz Sodré e Ronilda Iyakemi Ribeiro, em diálogo com pensadores relevantes aos debates da Teoria da História, nomeadamente, Walter Benjamin, Chimamanda Ngozie Adichie, José D'Assunção Barros e Reinhart Koselleck. O texto está dividido em três partes. Na primeira delas, as possibilidades teórico-metodológicas da Exunêutica para a operação historiográfica são discutidas, almejando transformar a cruz cristã – sob(re) a qual a disciplina histórica foi erigida – na encruzilhada de Exu. Na sequência, Walter Benjamin e Chimamanda Ngozie Adichie encontram Exu e os combates contra os perigos de uma história única ganham um poderoso aliado. Na terceira e última parte, concluo o texto tecendo reflexões gerais sobre as diversas discussões apresentadas.

Palavras-chave: Exu. História do Tempo Presente. Religiões de Matriz Africana.

⁹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista CAPES. Contato: viniciusmira1987@gmail.com.

Exu and the History of Present Time:

a possible crossroads?

Abstract:

This text aims to establish a dialogue between Exu, the messenger orixá of Afro-Brazilian religions, and the History of Present Time, a new methodological historiography attitude from the middle of the second half of the twentieth century, from France. For this purpose, is made use of relevant bibliography produced by religious-yard intellectuals, such as Luiz Rufino, Pai Rodnei de Oxóssi, Muniz Sodré and Ronilda Iyakemi Ribeiro, in dialogue with thinkers relevant to the debates on the Theory of History, namely Walter Benjamin, Chimamanda Ngozie Adichie, José D'Assunção Barros and Reinhart Koselleck. The text is divided into three parts. In the first of them, the theoretical and methodological possibilities of Exuneutics for the historiographical operation are discussed, aiming to transform the Christian cross - under which the historical discipline was erected - into the crossroads of Exu. In the sequel, Walter Benjamin and Chimamanda Ngozie Adichie encounter Exu and the struggles against the dangers of a single history gain a powerful ally. In the third and last part, I conclude the text with general reflections on the various discussions presented.

Keywords: Exu. History of Present Time. Afro-Brazilian Religions.

Introdução

O objetivo desse texto é estabelecer um diálogo entre Exu (Imagem 1), orixá mensageiro das religiões afro-brasileiras, e a História do Tempo Presente, uma nova atitude metodológica no fazer historiográfico datada de meados da segunda metade do século XX, oriunda da França. Ou melhor, almeja-se responder às seguintes questões: em que termos se dá a encruzilhada de Exu com a História do Tempo Presente? O que o senhor dos caminhos e da comunicação pode oferecer a um certo jeito de fazer história que é comprometido com os traumas, o direito à justiça e à memória?

Imagem 1 – Estatueta iorubá de Exu em madeira, metal, couro e conchas, sem data.



Fonte: Acervo do Museu de Arte de São Paulo. Número de inventário – MASP.01588.

Disponível em <https://masp.org.br/acervo/obra/exu>

Para tal, é feito uso de bibliografia atinente produzida por intelectuais de terreiro,¹⁰ tais como Luiz Rufino, Pai Rodnei de Oxóssi, Muniz Sodré e Ronilda Iyakemi Ribeiro, em diálogo com pensadores relevantes aos debates da Teoria da História, nomeadamente, Walter Benjamin, Chimamanda Ngozie Adichie, José D’Assunção Barros e Reinhart Koselleck.

Conforme sinaliza o historiador brasileiro José D’Assunção Barros (2018), os hebreus – e os cristãos, por conseguinte – foram os primeiros indivíduos a introduzir uma concepção de tempo teleológico, linear e irreversível, em detrimento de uma estrutura de tempo mítico, de natureza circular e reversível. Essa noção de tempo, tributária do monoteísmo profético desses povos, que permitiu o surgimento da História. Quer dizer, na esteira das contribuições judaicas do Velho Testamento incorporadas pela religião cristã que se deu um modelo de História universal com sentido único, escatologicamente direcionada. Nas palavras de François Hartog (2013, p. 84), “retomando a economia bíblica do tempo, o cristianismo foi mais longe neste caminho e modelou, tão profunda quanto duradouramente, a tradição ocidental das relações com o tempo”.

O caminho aberto por essa noção de tempo também foi percorrido pelo projeto iluminista e pelo idealismo hegeliano. Ambos entenderam o tempo histórico como linear, progressivo e teleológico, mirando o inevitável progresso, a racionalidade e a plena consciência. Mais adiante, nos primórdios da historiografia científica, em meados do século XIX, os primeiros historiadores beberam dessa fonte, ainda que para discordar dela em algum ponto, tais como os adeptos do historicismo e do materialismo dialético (KOSELLECK, 2006; BARROS, 2018).

Soma-se a isso um outro subsídio da religião cristã para o método historiográfico: a hermenêutica. Do legado da teologia, em diálogo com o direito, surgiu a hermenêutica moderna, tão importante para o ofício dos historiadores (KOSELLECK, 2014).

Diante do exposto, é bastante plausível afirmar que a disciplina histórica foi erigida sobre os alicerces da religião cristã, ainda que dotada de pretensões universalistas e racionalizantes. Assim sendo, parece bastante razoável buscar soluções para os problemas da história nas fontes de outros referenciais teológicos, religiosos e cosmogônicos. Por que não nas religiões de matriz africana? Por que não Exu?

¹⁰ Por “intelectual de terreiro” entendo pensadores que atuam na encruzilhada entre o espaço acadêmico-disciplinar das universidades e os terreiros de religiões de matriz africana. Trata-se de uma via de mão dupla, em que os referenciais teológicos, cosmogônicos e religiosos contribuem para o debate teórico-metodológico da academia, na mesma medida em que o espaço acadêmico-disciplinar pode teorizar o espaço religioso e contribuir para um melhor entendimento da religião por si mesma e por seus praticantes.

Isto posto, o texto está doravante dividido em três partes. Na primeira delas, as possibilidades teórico-metodológicas da Exunêutica para a operação historiográfica são discutidas, almejando transformar a cruz cristã – sob(re) a qual a disciplina histórica foi erigida – na encruzilhada de Exu. Na sequência, Walter Benjamin e Chimamanda Ngozie Adichie encontram Exu e os combates contra os perigos de uma história única ganham um poderoso aliado. Na terceira e última parte, conclui o texto tecendo reflexões gerais sobre as diversas discussões apresentadas.

Transformar a cruz em encruzilhada

Conforme já foi dito anteriormente, a hermenêutica teve importância considerável no surgimento da história acadêmico-disciplinar, em meados do século XIX. Esse campo de conhecimento diz respeito ao estudo e interpretação de textos, sendo tributário, em larga medida, dos estudos bíblicos. A palavra hermenêutica, porém, tem sua origem em outro referencial religioso: é uma derivação do deus grego Hermes, mensageiros dos deuses e responsável pelo surgimento da linguagem e da escrita. Arquétipo semelhante ao de Hermes é visto em Exu.

Hendrix Silveira (2012) partiu dessas semelhanças teológicas entre as divindades grega e iorubá para propor o neologismo Exunêutica. Segundo o autor,

A criação desse neologismo vai ao encontro do reconhecimento da autonomia da diversidade cultural mundial, mas sobretudo do reconhecimento da legitimidade das religiões de matriz africana diante de outras tradições religiosas colocando-as lado a lado como formas legítimas de busca humana ao seu Criador (SILVEIRA, 2012, p. 2).

Em outro momento do mesmo texto, Silveira (2012, p.11-12) afirma que

A exunêutica é a forma filosófica africana de interpretação. Parte de princípios alicerçados na afroteologia, que lhe garante uma visão de mundo centrada no esforço de reflexão teológica sobre a religião de matriz africana. Busca na afrocentricidade, na negritude e no pan-africanismo a noção de localização das formas de ver o mundo e de se ver no mundo, dando voz às formas africanas de questionamento, concepção e reflexão. É a experiência africana que proporciona a exunêutica. Fora da África, a exunêutica pode contribuir no contexto das lutas sociais dos povos afro-diaspóricos, ao nos proporcionar uma leitura advinda da periferia, dos subvalorizados, daqueles que tiveram suas vozes caladas por séculos.

A Exunêutica também foi proposta por Pai Rodnei de Oxóssi, que defende a necessidade de aprofundar o aprendizado sobre Exu como um meio para expansão da

compreensão do universo. Entre outras coisas, essa noção aponta para o respeito pela diversidade, inclusão e justiça, além de um afastamento de visões eurocêntricas e limitantes (EUGENIO, 2019).

Ou seja, a Exunêutica contribui para a Teoria da História na medida em que fornece um poderoso conjunto de ferramentas analíticas para a interpretação da realidade, a partir das noções teológicas, filosóficas e cosmogônicas difundidas pela experiência africana. Soma-se a isso a força da Exunêutica nos contextos afro-diaspóricos, de contribuição para as lutas sociais por meio da sua leitura periférica daqueles que sempre tiveram suas vozes caladas. É nessa esquina que ela encontra a História do Tempo Presente.

Pensando a História do Tempo Presente, o historiador francês Henry Rousso (2016) sustenta a hipótese de que a história contemporânea se inicia com a última catástrofe em data, a mais próxima do ponto de vista cronológico. Nesse caso, Rousso faz referência à História Contemporânea no sentido de uma História dos nossos tempos, uma História coetânea, e não como a História Contemporânea do recorte quadripartite francês, que se inicia com a Revolução Francesa, em 1789.

Cabe lembrar que o “Tempo Presente” não é a sequência da História contemporânea, como uma quinta parte da divisão quadripartite francesa, que no futuro será substituída por uma sexta era. Na verdade, a História do Tempo Presente é uma nova atitude metodológica face às questões enfrentadas pela historiografia e pela demanda de elaborar problemas que não se encaixam em um jeito de conceber o tempo e a história inventado no século XIX (LOHN; CAMPOS, 2017). Ainda nesse rumo, o pensador francês François Dosse (2012, p. 11) define que o conceito de “tempo presente” não diz respeito apenas ao recorte temporal próximo, mas sim, em seu sentido amplo, “ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo”.

Retomando o argumento de Rousso, a catástrofe é um evento de proporções capazes de rearranjar as interpretações do passado e reorganizar elementos da memória, que rompe com a lógica linear do progresso e não cessa de causar efeitos a longo prazo. Ora, se a última catástrofe brasileira não é a colonização e a escravidão, essas certamente são as primeiras. Maldonado-Torres (2019), fala da conquista da América como a maior catástrofe de todas do ponto de vista demográfico e metafísico, além de ter servido como modelo para as catástrofes seguintes.

Nesse sentido, a Exunêutica tem muito a contribuir. Pai Rodney de Oxóssi fala dela como uma epistemologia de resistência, por expor e dividir saberes ancestrais de Exu (EUGENIO, 2019). Igualmente, Luiz Rufino (2022, p. 38) defende que a presença de Exu do

outro lado do Atlântico é um indício de que o colonialismo não venceu. Em outras palavras, “se o projeto colonial fez da cruz a sua égide, por aqui se pratica a encruzilhada como campo de batalhas e mandingas”.

Dito de outra forma, a Exunêutica faz da cruz uma encruzilhada ao apresentar outras lentes para enxergar a realidade. Essa proposta encontra terreno fértil na História do Tempo Presente, tendo em vista que, conforme supracitado, essa nova atitude metodológica parte justamente da demanda de elaborar problemas e suscitar abordagens que não cabem mais em uma moldura oitocentista da história.

Pensando ainda na questão da demanda, a História do Tempo Presente costuma dialogar prolificamente com a História Pública¹¹ a esse respeito em suas respectivas intersecções. Nesses cruzamentos, os historiadores Rogério Rosa Rodrigues e Viviane Trindade Borges (2021) detectaram alguns eixos articuladores fundamentais comuns, tais como memória, trauma, testemunho, identidade, justiça e patrimônio. Exu, o senhor dos caminhos, pode habilmente morar nessa intersecção - ou encruzilhada, melhor dizendo -, pois, de acordo com Rufino (2022), Exu é fundante de uma epistemologia capaz de produzir respostas à destruição de seres, saberes e linguagens. Soma-se a isso um compromisso ético com os sujeitos envolvidos na pesquisa e a potência analítica de um conhecimento aplicado ao presente comprometido com a transformação da realidade social e científica – e empenhado na construção de futuros possíveis, por conseguinte – que perpassa a encruzilhada entre a História do Tempo Presente a História Pública (RODRIGUES; BORGES, 2021).

Tendo apresentado algumas das possibilidades teórico-metodológicas da Exunêutica para a operação historiográfica, agora cabe apresentar Exu a Walter Benjamin e Chimamanda Ngozie Adichie, para os combates contra os perigos de uma história única.

Exu contra os perigos de uma história única

Incendiário como nenhum outro, o intelectual alemão Walter Benjamin forneceu uma de suas maiores contribuições ao campo da História no manuscrito chamado *Teses sobre o conceito de História*, escrito enquanto Benjamin fugia da perseguição nazista. Nele, o intelectual critica o equívoco de pensar que vivemos o único presente possível, resultado do progresso inevitável do homem. Na verdade, ao invés de uma cadeia de acontecimentos, Benjamin afirma que o presente é resultado de uma catástrofe única, onde as ruínas do

¹¹ Entendida aqui como “uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos” (CARVALHO, 2017).

passado são incansavelmente acumuladas, enquanto uma tempestade chamada progresso assopra em direção ao futuro (BENJAMIN, 1994).

O perigo denunciado por Benjamin reside no fato de que pensar que vivemos o único presente possível transformaria a História em um “cortejo triunfal” dos vencedores, levando em consideração que os dominadores de hoje realizaram seus grandes feitos sobre o trabalho árduo e/ou os corpos dos anônimos vencidos de seus contemporâneos. Assim, conclama Walter Benjamin (1994, p. 225): é preciso “escovar a história a contrapelo”.

Segundo o pensador franco-brasileiro Michael Löwy, um dos principais intérpretes e comentaristas da obra de Benjamin,

Escovar a história a contrapelo – expressão de um formidável alcance historiográfico e político – significa, então, em primeiro lugar, a recusa em se juntar, de uma maneira ou de outra, ao cortejo triunfal que continua, ainda hoje, a marchar sobre aqueles que jazem por terra (LÖWY, 2005, p.73).

Ou seja, no projeto benjaminiano há um compromisso com o silêncio dos vencidos, que podem ser redimidos pela história escovada a contrapelo. É possível partir daí para dialogar com um conhecido aforismo nagô: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje”.

De acordo com Muniz Sodré (2017), dessa sentença é aceitável extrair uma busca no presente à chave motriz das ações desencadeados do passado. Isto é, essa capacidade de reverter ações já realizadas é um contraponto à lei ocidental de progresso e de causa e efeito.

A História do Tempo Presente está constantemente lidando com traumas, na medida em que se vale de subsídios documentais para uma operação historiográfica eticamente responsável, capaz de dar sentido às experiências traumáticas coletivas e romper com o silêncio institucional que inviabiliza o trabalho de luto das vítimas, além de produzir como resultado valiosas contribuições historiográficas para a sociedade em suas demandas de verdade e justiça, como no caso da experiência traumática da Ditadura Militar brasileira – nossa última catástrofe –, por exemplo (SILVA, 2012; PADRÓS, 2009).

Nesse sentido, a sabedoria nagô fornece inestimáveis aportes para lidar com a dor, uma vez que todo o seu sistema simbólico, inclusive o tempo, é ordenado pelo princípio da reversibilidade e da restituição, mecanismos de harmonia e equilíbrio (SODRÉ, 2017). Novamente cito Muniz Sodré, o intelectual argumenta que

o enunciado do provérbio só é concebível se o presente ou o agora funda o tempo (temporaliza) por meio da ação / acontecimento (a pedrada mitológica) e assim pode coexistir com o passado – pode tornar simultâneo o que não é contemporâneo. Com Exu, não há começo nem fim, porque tudo é processo e,

ao se constituir, cada realidade afeta outra para além do espaço-tempo. Em termos cíclicos ou solares, o nascente coexiste com o poente por causa da força do agora (SODRÉ, 2017, p.222-223).

Ora, se o acontecimento fundante do presente é a pedra atirada hoje que mata o pássaro ontem, é possível se valer de Exu e de seus aportes para dar sentido às experiências traumáticas e viabilizar o trabalho de luto das vítimas, dentro do escopo da História do Tempo Presente. Entre outras coisas, o compromisso benjaminiano com as vítimas perpassa a intensa caça aos pássaros de ontem no dia de hoje.

Mais ou menos no mesmo caminho encontra-se o pensamento da nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie (2018). Na obra “O perigo de uma história única”, adaptação de uma palestra proferida na plataforma *TED Talks*, a escritora sustenta que

a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história [...] A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (ADICHIE, 2018, p. 14).

Uma das contribuições da filosofia africana para a Teoria da História é a reflexão sobre a alteridade, por meio de um paradigma afro-referente que questiona certos cânones impostos pela filosofia ocidental (SARAIVA, 2016). Pensar a alteridade é importante para se afastar de uma história única. Exu contribui para esse debate, uma vez que ao habitar as encruzilhadas, ele está sempre diante dos vários caminhos possíveis a serem percorridos.

No que concerne à História do Tempo Presente, o debate sobre os perigos de uma história única é muito oportuno, principalmente em um contexto de recentes empreitadas de cunho negacionista¹² e/ou revisionista ideológico¹³ que tem disputado espaço na opinião pública sobre os passados presentes da história do Brasil e que, embora sejam acusadas de relativistas pelos praticantes do ofício historiográfico acadêmico-disciplinar, são apoiadas em concepções de “verdade histórica” e de pretensões objetivistas de consolidação como a única autoridade sobre o passado (ÁVILA, 2021).

¹² Por negacionismo entendo “o recurso à mentira pura e simples sobre um evento ou fato histórico comprovado por fontes e por consenso de historiadores (independentemente das interpretações que se possa fazer sobre suas causas ou desdobramentos)” (NAPOLITANO, 2021, p.86).

¹³ Por revisionismos ideológicos entendo um processo “que parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico, quase sempre polêmico. Esse tipo de revisionismo é refém de objetivos meramente ideológicos, da falta de método e da ética da pesquisa historiográfica” (NAPOLITANO, 2021, p. 99).

Ávila (2021), em diálogo com Hayden White (2010), aposta no pluralismo historiográfico como ferramenta contra o negacionismo, que admite a existência de relatos e construções plausíveis do passado para além daquilo que é convencionalmente chamado de história. Essa é a deixa para Exu.

Ao colocar Exu para interrogar Clio, a deusa grega da história, Luís Augusto Ferreira Saraiva (2016) aponta que diferentemente da divindade helênica, alegadamente preocupada com a narração fiel da experiência histórica, o orixá da comunicação está interessado na oralidade e nas múltiplas formas de narrar a história. Quer dizer, Exu abre os caminhos de uma história plural.

Em contraponto às narrativas demasiadamente adjetivadas e caricatas do discurso negacionista, a prática da História do Tempo Presente, em cruzamento com a História Pública, pode experimentar inovações na sua linguagem e nas formas de narrar e mobilizar os diversos temas, mas jamais se desfazendo do seu compromisso ético, educativo e sociopolítico (OGASSAWARA; BORGES, 2019; MENESES, 2021).

Voltando a dialogar com Chimamanda, em outro momento do texto, a pensadora sinaliza a potência da pluralidade de histórias:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2018, p. 16).

A partir da citação, é possível dizer que o direito à história plural passa inevitavelmente pelo direito à memória, à oralidade, à verdade e à justiça. Esses, por sua vez, podem cruzar os caminhos de Exu, de uma história plural.

Considerações finais

Esse texto teve como objetivo estabelecer um diálogo entre Exu, orixá mensageiro das religiões afro-brasileiras, e a História do Tempo Presente, uma nova atitude metodológica no fazer historiográfico datada de meados da segunda metade do século XX, oriunda da França.

Para tal, foi feito uso de bibliografia atinente produzida por intelectuais de terreiro, tais como Luiz Rufino, Pai Rodnei de Oxóssi, Muniz Sodré e Ronilda Iyakemi Ribeiro, em diálogo com pensadores relevantes aos debates da Teoria da História, nomeadamente, Walter Benjamin, Chimamanda Ngozie Adichie, José D'Assunção Barros e Reinhart Koselleck.

Diante do exposto, o diálogo de Exu com a História do Tempo Presente é frutífero no âmbito das possibilidades teórico-metodológicas da Exunêutica para a operação

historiográfica. Aprofundar o aprendizado sobre Exu é um meio para expansão da compreensão do universo e para o respeito pela diversidade, inclusão e justiça, além de um afastamento de visões eurocêntricas e limitantes.

Em se tratando dos perigos de uma histórica única, o projeto benjaminiano e as propostas de Chimamanda encontram eco na figura de Exu. O orixá está sempre aberto à multiplicidade e as várias formas de narrar a História. No escopo da História do Tempo Presente, lidar com experiências traumáticas dos passados que não passam é cotidianamente matar os pássaros de ontem com as pedras atiradas hoje.

Exu também contribui para histórias plurais, que reparam a dignidade despedaçada. Demandas pelo direito à memória, à oralidade, à verdade e à justiça podem cruzar os caminhos de Exu, de uma história plural, tendo em vista que, diferente da deusa Clio, Exu não está preocupado com a narração fiel da experiência histórica, mas com a múltiplas formas de narrar a história.

Por fim, para proporcionar uma resposta à pergunta presente no título desse artigo, é preciso dizer que, segundo Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018), as encruzilhadas são lugares de encantamentos para todos os povos. Os cruzamentos de caminhos sempre inspiraram as culturas de síncope,¹⁴ onde há uma transgressão do cânone. Conforme os autores:

As culturas de síncope nos fornecem condições para praticarmos estripulias que venham a rasurar a pretensa universalidade do cânone ocidental. Impulsionados pelas sabedorias dessas culturas, temos como desafio principal a transgressão do cânone. Transgredi-lo não é negá-lo, mas sim encantá-lo, cruzando-o a outras perspectivas. Em outras palavras, é cuspi-lo na encruza (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 19).

Quer dizer, a proposta de uma encruzilhada possível entre Exu e a História do Tempo Presente diz respeito a um exercício de alargar as possibilidades da hermenêutica, do tempo histórico e do próprio espaço acadêmico-disciplinar da História. Frente a uma possível rigidez do cânone, por que não um ebó epistêmico a Exu?

Referências

¹⁴ Segundo Luiz Antonio Simas (2016), “a síncope é uma alteração inesperada no ritmo, causada pelo prolongamento de uma nota emitida em tempo fraco sobre um tempo forte. Na prática a síncope rompe com a constância, quebra a sequência previsível e proporciona uma sensação de vazio que logo é preenchida de forma inesperada”. Nesse sentido, a cultura de síncope é uma maneira de pensar “contra a tendência de normatização, unificação e planificação dos modos de ser das mulheres e dos homens no mundo contemporâneo”.

- ADICHIE, Chimamanda Ngozie. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 41, n.87, p.161-184, 2021.
- BARROS, José D'Assunção. *O tempo dos historiadores*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994. p. 222-232.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso em 21 mar. 2023.
- DOSSE, François. História do Tempo Presente e historiografia. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.5-22, jan./jun., 2012.
- EUGENIO, Rodnei William. Exu nas escolas, Exu na ciência, Exu na política. *Carta Capital*, São Paulo, 29 nov. 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/exu-nas-escolas-exu-na-ciencia-exu-na-politica/amp>. Acesso em 21.03.2023
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2014.
- LOHN, Reinaldo Lindolfo; CAMPOS, Emerson Cesar de. Tempo Presente: entre operações e tramas. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 10, n. 24, p. 97-113, ago. 2017.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 27-57.

- MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). *Revista Brasileira de História*, v. 41, n. 87, p.61-87, 2021.
- NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Novos combates pela história: desafios - ensino*. São Paulo: Contexto, 2021. p.85-111.
- OGASSAWARA, Juliana Sayuri; BORGES, Viviane Trindade. O historiador e a mídia: diálogos e disputas na arena da história pública. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 39, n. 80, p.37-59, 2019.
- PADRÓS, Enrique Serra. História do Tempo Presente, Ditaduras de Segurança Nacional e arquivos repressivos. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.30-45, jan./jun., 2009.
- RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane Trindade. Introdução - A terceira margem do tempo: cruzamentos possíveis entre história pública e história do tempo presente. In: RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane Trindade (org.). *História Pública e História do Tempo Presente*. São Paulo: Letras e Voz, 2021. p.7-15.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.
- RUFINO, Luiz. Sete esquinas para dar de comer: Exu, teoria, método, autoria e a questão colonial. In: SANT'ANNA, Cristiano (org.). *Xirê epistemológico: roda, ancestralidade, educação*. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. p.37-51.
- SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Exu interroga Clio: contribuições da Filosofia Africana na construção de um novo paradigma para o estudo da História. *Das Questões*, Brasília, v. 4, n. 1, p.123-137, ago./set., 2016.
- SILVA, Walkiria Oliveira. História do tempo presente e a experiência ditatorial no Brasil: uma análise a partir do trauma e do esquecimento. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, Mariana, v. 7, n. 1, p.51-63, jun., 2012.
- SILVEIRA, Hendrix Alessandro Anzorena. *Exunêutica: construindo paradigmas para uma interpretação afro-religiosa*. Faculdade EST, Mestrado Acadêmico em Teologia e História, Disciplina de Hermenêutica, Novo Hamburgo, 2012.
- SIMAS, Luiz Antonio. Culturas de Síncopa. *Jornal GGN*, São Paulo, 6 jan. 2016. Disponível em <https://jornalggm.com.br/musica/culturas-de-sincope/> Acesso em 22 mar. 2023.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. Exu inventa o seu tempo. In: SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017. p.204-229.

WHITE, Hayden. *The Fiction of Narrative: essays on history, literature and theory, 1957-2007*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2010.